

## Economía política e comunicação: de Vico ao século XXI Uma arqueologia das últimas novidades

Cesare Giuseppe Galvan

### Resumo

*Verum factum*: o homem conhece o que ele mesmo faz. Esse princípio norteia toda a epistemologia de Vico (1668-1744). Com base no mesmo, pode-se formular uma hipótese explicativa da história dos modernos meios de comunicação. No caso de Vico, a primeira implicação do *verum factum* foi de concentrar o enfoque sobre os feitos humanos na constituição das nações. Mas o mesmo princípio pode esclarecer por que motivos os progressos da inventividade humana se concentraram no desenvolvimento de meios de comunicação e foram aceitos e se tornaram de uso difuso, tendencialmente universal. Conjuntamente com os meios de comunicação desenvolveu-se a economia – quer como procedimento prático (o capital de produção e de circulação), quer como ciência analítica.

PALAVRAS CHAVE: conhecimento; meios de comunicação; economia; verum factum.

### Summary

*Verum factum*: man knows what he made. This principle guides the whole epistemology of Vico (1668-1744). On the same basis it is possible to formulate an hypothesis on the history of modern media. In the case of Vico himself, the first consequence of the principle *verum factum* was to focus on those human deeds, which constitute nations. But the same principle can explain why human advances concentrate in developing communication media and why they reached a tendentially universal acceptance and diffusion. Articulated with media development, something else also grew: namely, both economy (production and circulation capital) and economics (an analytical science).

KEY-WORDS: knowledge; means of communication; economy; economics; verum factum.

### Resumen

*Verum factum*: el hombre conoce lo que él mismo hace. Este principio orienta toda la epistemología de Vico (1668-1744). Pero sobre la misma base se puede formular una hipótesis explicativa de la historia de los modernos medios de comunicación. Para Vico, la cuestión era de concentrar el enfoque en los hechos humanos que constituyen las naciones. Pero el mismo principio puede esclarecer por que motivos los progresos de la inventividad humana se concentraron en los medios de comunicación y su uso se difundió hasta tornarse tendencialmente universal. Junto a los medios de comunicación se desarrolló la economía – sea en su aspecto práctico (capital de producción y circulación), sea en su aspecto científico (análisis económico).

PALABRAS LLAVE: conocimiento; medios de comunicación; economía; verum factum.

O texto apresentado modifica o teor do título desta Mesa: em vez de “economia política **da** comunicação”, trata de “economia política e comunicação”. Motivo: o assunto aqui desenvolvido é outro. Em vez de aplicar uma teoria a determinado fenômeno, observaremos os desenvolvimentos entremeados de ambos – teoria e fenômeno, economia política e meios de comunicação. Nesse nível situar-se-á inclusive a busca de uma hipótese explicativa.

A tarefa começa com um recuo no tempo. Pois o assunto impõe estudar as transformações sociais mais recentes, que resultaram num grande conjunto de novos traços definidores da vida humana. Não parece então fora de propósito propor uma olhada sobre uma época precedente, quando tais novidades ainda não tinham surgido, a não ser muito parcialmente, como veremos. Pode-se comparar o tempo de então com o nosso.

Se escolhermos o tamanho do recuo de forma bem arredondada – três séculos – encontramos uma coincidência curiosa: foi a 18 de outubro daquele 1708 que o então professor Giambattista Vico pronunciou uma oração inaugural na Universidade de Nápoles sobre o tema “De nostri temporis studiorum ratione” (O método dos estudos de nosso tempo)<sup>1</sup>. Tratava-se também, de certa forma, de uma arqueologia do saber daquele tempo.

Essa data encontrava-se no centro de uma época em que se processou uma mudança profunda na consciência da Europa, que era então ainda centro do mundo, potência colonizadora. Paul Hazard localiza bem esse período:

A tesoura de tempo aberta pela Crise da consciência europeia cobre pouco mais de trinta anos, justamente a virada de século entre a revogação do Edito de Nantes de 1680 e a morte de Luis XIV, excluindo praticamente qualquer geração posterior a 1715.<sup>2</sup>

Creio, porém, que ocorra aqui um erro de imprensa: o Edito de Nantes foi revogado em 1685, o que conferiria maior precisão à tese da “virada” em “pouco mais de trinta anos”.

Essa profunda mudança na consciência coincide com grandes transformações reais na economia até então imersa nos grandes empreendimentos coloniais. Dai a pouco, de fato, começaria aquela outra revolução que iria dotar o sistema capitalista de seu próprio instrumento de produção de mercadorias: o capital produtivo, protagonista, autor e resultado da revolução industrial. E aqui chegamos mais perto dos tempos atuais, debatidos neste seminário.

---

1 VICO (2003), pp.86-215. Texto bilíngue, latim e italiano. Notas às pp.1317-1360.

2 Assim se exprime Isabella Mattazzi em resenha ao livro de Paul Hazard (2005). In: *Il Manifesto*, 15 de julho de 2008, p.13.

De fato, as mencionadas transformações daquela época e das posteriores foram aos poucos mudando o objeto-objetivo a ser atingido: da produção de objetos materiais, fontes presumidas de satisfação humana (felicidade...), passou-se à produção de meios de comunicação conectando os homens entre si (telégrafo, telefone, rádio, televisão,...) para enfim concentrar-se cada vez mais na própria operação daqueles meios, passando a fornecer como mercadoria a própria comunicação “em si”. Considerações análogas podem ser pertinentes a respeito dos transportes. Mas vejamos o que Vico em 1708 vem nos dizer a respeito.

### 1 - 1708: especializações e meios de comunicação

Lembremos, antes de tudo, quem foi Giambattista Vico. Filósofo, jurista, historiador e literato de extraordinária estatura, foi pouco aceito e menos compreendido em sua época. Uma apresentação sintética dele e de suas contribuições pode-se encontrar no livro mencionado de Hazard (2005, p.290):

Ele tem dois tipos de inteligência, aquela que compreende e aquela que cria. Sua impetuosidade o faz sair dos caminhos que se traçou para si mesmo; ele abunda em metáforas, em visões; ele quer ser analítico, e de repente procede por intuições sublimes. Demonstra segundo as melhores regras lógicas; e depois, pressionado, **extravasa sua própria demonstração**. Obstinado, ele se repete; impaciente, vai rápido demais; tem a embriaguez do novo, do audaz, do paradoxal, do **verdadeiro, descoberto sob o cúmulo dos erros**, e enfim revelado ao mundo, por ele, Giambattista Vico<sup>3</sup>. (Grifos nossos)

Na oração de 1708, Vico espalhava-se nos aspectos positivos e negativos dos métodos antigos e dos que então eram modernos. Comparava-os, examinava-os. Um detalhe aparecia e reaparecia, sobretudo mas não unicamente ao falar dos modernos: as especializações que se multiplicavam em todos os campos do saber (p.ex. no direito), dificultando quase que por completo a formação de uma visão única, bem centralizada e focalizada, do objeto do saber e do objetivo a ser com ele atingido. Não conseguimos, contudo, captar em Vico um juízo definitivo sobre essa multiplicação dos saberes: prós e contras são aduzidos a respeito de vantagens e desvantagens em manter o foco no panorama geral do estudo, ou em aprofundar detalhes e aspectos particulares.

---

<sup>3</sup> Esta apresentação e, ainda mais, a leitura de Vico trazem à mente a celere distinção que Pascal colocou no início de seu livro *Pensées*: entre o “*esprit de géométrie*”, então muito na moda, a partir da obra de Descartes, e o “*esprit de finesse*”: esse talvez seja mais característico de Vico. Raciocina “à margem da razão abstrata”, diria Almeida Prado, citado a seguir.

O debate visava fundamentalmente a orientar os alunos rumo a um fim bem determinado: “Uma única finalidade de todos os estudos se observa, uma única se cultiva, uma única se celebra, a verdade” (“*Finis autem omnium studiorum unus hodie spectatur, unus colitur, unus ab omnibus celebratur, veritas*”). (VICO, 2001, p.96)

Quanto à junção entre ciência e tecnologia, as bases para os progressos futuros já tinham sido lançadas naquela época, inclusive nos meios de comunicação. Nesses, um detalhe, mais que óbvio, não deve ser esquecido: o próprio Vico, para expressar-se (melhor, para **comunicar** suas expressões), utilizava os dois principais meios de comunicação que o progresso técnico do homem colocava a sua disposição: a fala e a escrita, inclusive impressa. Aliás, nossos mencionados avanços posteriores nos meios de comunicação, no fundo constituem um aprofundamento desses dois meios elementares e fundamentais. Hoje, os homens que se comunicam pela fala, eventualmente conservada na escrita, passaram a contar para isso com o telégrafo, o telefone, a rádio, a televisão, a informática: todas essas invenções são desenvolvimentos daquelas duas: da fala e da escrita.

Mas para retomar a etapa de 1708, nada melhor talvez que dar uma olhada a seu próprio amadurecimento ulterior no pensamento de Vico. Seguiremos para tal o breve resumo que nos oferece A.L.de Almeida Prado:

Vico diz que a filosofia (...) nunca serviu para outra coisa senão para tornar as nações “ativas, despertas, capazes, agudas e reflexivas”, e para que os homens sejam “dóceis, prontos, magnânimos, engenhosos e prudentes”. Todas essas funções e qualidades constroem-se à margem da razão abstrata. O “campo dos filósofos” seria, assim, o do provável, como o terreno dos matemáticos é o do verdadeiro. (Almeida Prado cit. in: VICO, 1984, p.XI).

O autor refere-se aqui ao conteúdo da *Ciência nova*, que Vico escreveu mais tarde e publicou em tres edições: 1725, 1730 e 1744, ano de sua morte. No entanto uma primeira formulação dessa nova postura científica encontra-se adumbrada já no escrito de 1708 e explicitada logo a seguir em outro de 1710.

## **2 – 1710: *verum factum* – o homem faz a verdade (onde começa nossa hipótese)**

Dois anos depois, em 1710, Vico deu sua contribuição mais original ao problema de interpretar o conhecimento humano. Era uma primeira versão daquilo que constituiria o eixo de sua metodologia. Trata-se do *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda* (Da antiquíssima sabedoria dos itálos a ser extraída das origens da língua latina). Eis o começo de seu primeiro capítulo:

Para os Latinos «verdadeiro» e «feito» [realizado] são o mesmo [...] e é o mesmo também «entender» e «recolher perfeitamente», e «conhecer abertamente». (*Latinis «verum» et «factum» reciprocantur [...] iisdem idem est «intelligere» ac «perfecte legere», et «aperte cognoscere»*).

Palavras talvez um tanto estranhas ao nosso modo de falar, mesmo quando traduzidas. Essa dificuldade porém valia provavelmente também para os tempos em que foram publicadas. Aqui Vico formula pela primeira vez o princípio: **o homem conhece o que faz**. Vico descobriu-o embutido naquela espécie de “filosofia sem filosofia” dos antiquíssimos autores italianos (oradores, teatrólogos, não certamente filósofos no sentido corrente do termo). Para tornar explícito esse pensamento implícito e implicado na antiga fala latina, Vico adotou um método de análise lingüística. Com isso, observações sobre o uso da língua foram ponto de partida para um novo estudo da história humana que mudaria o rumo da filosofia.

Essas formulações preliminares foram como uma intuição seminal, talvez comparável nisso à famosa última “tese sobre Feuerbach” de Marx. O princípio “*verum factum*”, uma vez formulado (ou reformulado?), estabeleceu-se como eixo central do ulterior desenvolvimento de sua teoria, que é filosofia, história, lingüística, sociologia ao mesmo tempo.

Tentemos captar em breves palavras alguns traços que constituíram e construíram essa contribuição, a fim de apreender algo que nos acompanhe na observação dos séculos que se seguiram. Antes de tudo, Vico vai buscar na estrutura da língua latina, captada em seus primeiros séculos, aquilo que se tornaria o cerne de sua filosofia: busca-o em seus vocábulos e no uso que os romanos faziam dos mesmos. Para isso lê os autores da fase “mais antiga” (*antiquissima*) dessa literatura, como diz o próprio título; noutras palavras, procura princípios de filosofia lá onde o pensamento ainda não distinguia (muito menos separava) a filosofia da comunicação oral e escrita daquilo que ocorre na vida quotidiana. Na prática diária da comunicação, nas características da língua e de seus usos ele descobre o pensamento embutido.

Essa análise lingüística, articulada com a experiência da vida quotidiana e com a aplicação do direito em Roma, levou Vico a descobrir os princípios que norteariam sua filosofia a partir daquele momento. Principal dentre essas descobertas é o *verum factum* – é verdadeiro aquilo que se faz. O homem não pode conhecer a verdade (o “*verum*”) senão daquilo e naquilo que ele mesmo produziu.

O problema do conhecimento, então, é sua aplicação ao homem, que não é deus. Pois deus fez o mundo tirando-o de dentro de si mesmo: daí que ele o conheça. Mas o homem, inclusive o cientista, não fez o mundo, nem o extraiu de si: encontra-o já feito. Como então

poderá conhecê-lo? Esse é o princípio *verum factum*. Em sua aplicação encontram-se uma série de contribuições viquianas. Antecipemos a principal, extraindo-a de um trecho escrito anos mais tarde e portanto mais explícito e claro:

Mas em tal densa noite de trevas que recobrem a primeira para nós mui longínqua antiguidade, aparece esta luz eterna, que não se põe, desta verdade que não se pode mais pôr em dúvida; que este mundo civil foi certamente feito pelos homens, portanto se podem (porque se devem) encontrar os princípios dele nas modificações da nossa própria mente humana. (...) deve-se estranhar como todos os filósofos se esforçaram seriamente de conseguir a ciência deste mundo natural, do qual, porque foi Deus que o fez, só ele tem a ciência; e descuidaram de meditar sobre este mundo das nações, ou seja mundo civil, do qual, dado que o tinham feito os homens, podiam adquirir a ciência os homens.<sup>4</sup>

A descoberta de 1710, nos anos seguintes, vem a se completar, indicando uma série de conseqüências. As quais podem reservar alguma surpresa ao leitor interessado. Por exemplo, sabendo que a concentração do esforço sucessivo de Vico naquela nova ciência tem por objeto o “mundo das nações”, poderíamos pensar que essa filosofia da ciência exclua de seu foco os métodos das ciências modernas aplicadas ao estudo da natureza: física, biologia, astronomia,... Longe disso, já no mesmo texto do *De antiquissima*, os primeiros casos mencionados referem-se a essas ciências tradicionais, salientando – em níveis bem diferenciados – a matemática e o conhecimento da natureza.

Pode-se extrair dessas contribuições uma série ampla de considerações, todas baseadas no mesmo princípio. Esquemáticamente podem-se colocar na seguinte ordem:

a matemática (sobretudo geometria), elaboração da mente do homem;

o conhecimento da natureza, condicionado e limitado àquilo de que o homem pode fazer nela com o experimento;

enfim a nova ciência das nações, à qual dedicará suas obras principais, a partir daquele momento: o *Direito universal* e a *Ciência nova*.

---

4 “Ma, in tal densa notte di tenebre ond'è coverta la prima da noi lontanissima antichità, apparisce questo lume eterno, che non tramonta, di questa verità, la quale non si può piú a patto alcuno chiamar in dubbio; che questo mondo civile egli certamente è stato fatto dagli uomini, onde se ne possono, perchè se ne debbono, ritruovare i principi dentro le modificazioni della nostra medesima mente umana. [...] dee recar meraviglia come tutti i filosofi seriamente si studiarono di conseguire la scienza di questo mondo naturale, del quale, perchè Iddio egli il fece, esso solo ne ha scienza; e traccurarono di meditare su questo mondo delle nazioni, o sia mondo civile, del quale, perchè l'avevano fatto gli uomini, ne potevano conseguire la scienza gli uomini.” VICO, 2001, p.541s. (*Scienza nuova*, Sezione terza: De' principi, 331).



O princípio metodológico assim formulado revela-se de forma privilegiada na matemática, produzida inteiramente pelo intelecto humano. Daí, a necessidade, que recorre repetidamente em Vico, de distinguir entre o conhecimento matemático e o uso da matemática para expressar o conhecimento da natureza. Esquemáticamente: a matemática é o exemplo por excelência do “*verum factum*”, é *feita pelo homem*, portanto por ele cognoscível em si, como verdade. Mas o homem não fez o mundo, cuja natureza ele se esforça por conhecer; portanto a aplicação da matemática ao conhecimento das leis da natureza está sujeita à condição de realizar um experimento – este sim feito pelo homem (nisso Vico é bem discípulo de Bacon). Caricaturando essa conclusão, diríamos que na ciência natural o homem não conhece a natureza, mas o experimento que ele fez nela.

A matemática é feita pelo próprio homem pela abstração.

Mas o conhecimento da natureza sem o experimento seria algo inacessível ao homem que não é seu autor.

A seguir, vem a “ciência nova”, a proposta-programa que Vico formula a partir do princípio “*verum factum*”. Como ele mesmo diz, trata-se da “ciência das nações”, do “mundo civil”, aquela que se dedica a procurar entender como os homens fizeram, na história, seu mundo civil: dado que foram os homens que o fizeram, por isso é que o homem pode conhecê-lo. O que não significa em absoluto que esse conhecimento seja fácil, imediatamente evidente, claro e distinto. Vico dedica-se a percorrer esses meandros, esses labirintos do desenvolvimento humano focalizando a história conhecida, sobretudo a da civilização romana e grega.

Isso não impede de explorar os mesmos princípios para estender sua aplicação a fenômenos que apareceram em fases ulteriores da história, mesmo aqueles ocorridos bem mais recentemente. A proposta, aqui, vai nesse sentido: seguir a trilha de Vico para questionar o que aconteceu e sobre tudo o que está acontecendo nos rumos da ciência e da tecnologia, quando os homens se realizam a si mesmos nos novos meios de comunicação.

Quanto à primeira parte de nosso tema anunciado no título acima, a economia: ela não constituía ainda em 1708, 1710, nem até 1744 (ano da morte de Vico e da terceira edição da *Ciência nova*), não constituía uma especialização separada. Se tomarmos o exemplo da língua francesa, segundo o *Petit Robert* o primeiro uso da própria palavra “*économie*” no sentido de economia pública, política, seria de 1613; foi precedido por “*yconomie*” em 1370; mas em seu sentido moderno, só apareceria em 1773, sempre segundo o *Petit Robert*. Isso pode até soar estranho, pois os fisiocratas já antes dessa data eram denominados de “*économistes*” - e o

*Tableau économique* de François Quesnay foi publicado em 1758. De qualquer modo, faltava (ou faltaria) ainda, pelo menos em francês, o substantivo a dar um nome a essa outra “nova ciência”. Mas faltava também a realidade que essa ciência examina. Ou estava apenas em cueiros.

Muitos desenvolvimentos levaram desde então a tantos avanços em outras ciências (sobretudo nas ciências naturais): no meio dessas mudanças, a economia como disciplina obteve sua primeira cátedra em Nápoles em 1754 como “economia civil” e se tornou uma especialização distinta e eventualmente separada das outras disciplinas acadêmicas. A cátedra foi ocupada inicialmente por Antonio Genovesi, aliás um inovador também no ensino, pois pela primeira vez adotou a exposição em italiano na universidade. Antes disso, o próprio Vico em seu *opus magnum*, a *Ciência nova*, chega a dedicar toda uma seção, com quatro capítulos, nada menos que à “*iconomica poetica*”: longe estávamos ainda da formação de uma disciplina autônoma, com seus próprios caminhos.

Quanto aos meios de comunicação: será oportuno lembrar até que ponto tinha progredido o uso prático dos dois meios fundamentais, a fala e a escrita. A escrita tinha adquirido em séculos recentes o instrumento da imprensa, uma das tecnologias mais revolucionárias da história. Naquela época a ciência e sua difusão já dispunha de casas editoras e até de publicações periódicas. Por exemplo, o *De ratione* foi pronunciado como aula inaugural em 1708 e impresso em 1709, “às custas de Vico”<sup>5</sup>. A publicação do *De antiquissima* em 1710 foi seguida de um debate acadêmico nas páginas de uma revista especializada da época, o *Giornale de' Letterati d'Italia*, que publicou críticas e respostas entre 1711 e 1712<sup>6</sup>.

**Economia e comunicação:** dos avanços mencionados poder-se-ia então concluir que tiveram desenvolvimentos “paralelos” naquele século e nos seguintes? Por certo não se pode negar certa concomitância entre as respectivas novidades na economia (como praxis e como teoria) e nos meios de comunicação e sua difusão. No entanto, lembremos pelo menos que as paralelas são linhas retas; contrastam portanto com as curvas e mesmo desvios a que foram sujeitos esses caminhos, essas transformações. Em ambos os casos.

De qualquer forma, para nós será oportuno primeiro aterrissar agora nos tempos atuais.

---

5 Cf. VICO, 2001, p.XL.

6 Ver VICO, 2006.



### 3 - Tempos atuais: a comunicação, a nova metafísica, a hipótese

Onde e como se justifica essa arqueologia que vimos desenvolvendo até aqui? Por que retomar contribuições que antecedem de muito a formação do panorama atual dos meios de comunicação de nosso tempo? Foi depois da época examinada até aqui que ocorreram os maiores desenvolvimentos da economia como ciência e como capitalismo real e concreto, bem como, e mais ainda, as inovações nos meios hodiernos de comunicação. Ocorre que as reflexões viquianas indicam o ponto chave para formular uma hipótese explicativa de ambos esses fenômenos, com sua simultaneidade no tempo nos últimos três séculos: por um lado, o desenvolvimento “autônomo” da economia (como realidade concreta e como ciência) e, por outro, o surgimento do moderno sistema científico-tecnológico de meios de comunicação com o estabelecimento de ampla rede de interconexões entre os mesmos. A hipótese que tentamos extrair de Vico poderá servir para entender suas imbricações.

Ambos esses fenômenos (economia e meios de comunicação) foram realizações do homem: respondem portanto ao próprio critério do *verum factum*, seguindo nisso os antiquíssimos romanos. Nos três séculos que decorreram desde Vico, o homem organizou sua economia capitalista e introduziu seus novos meios de comunicação, agora interconectados em rede. Ou seja produziu uma estrutura social nova, o capital, com sua ciência que o submete a análise, chegando a uma aplicação da matemática já não mais a fenômenos ditos “naturais”, mas aos próprios feitos do homem. Por outro lado, a rede de meios de comunicação não se limita a um conjunto de experimentos feitos sobre as forças da natureza, pois lhes acrescenta uma nova estrutura das relações humanas, introduzida pelo homem mesmo.

Esses dois avanços ocorreram nestes últimos séculos e apresentam certa simultaneidade e reciprocidade. Começemos pelos meios de comunicação.

Eles ligam entre si e difundem conhecimentos (melhor dito: seus sinais). De certa forma, quanto mais recente o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, tanto mais ele privilegia o estabelecimento de novos meios de comunicação até acima daquele interesse que o homem sempre manifestou pelo conhecimento da natureza “em si”.

Tomemos o princípio “*verum factum*” como originariamente se apresenta, ou seja como um princípio da teoria geral do conhecimento. Ora, em nossos tempos o homem conta com muito mais “fatos” (e seria melhor denominá-los de “feitos”) que ele mesmo realizou, inclusive utilizando para isso a aplicação das forças da natureza. Tais realizações estão sempre ligadas à constituição do “mundo das nações”. Com expressões quase viquianas, dir-se-ia que

os “experimentos” do contato do homem com a natureza penetraram cada vez mais nesse “mundo das nações”. Por um lado, impuseram estudo cada vez mais sofisticado das relações humanas que resultaram alteradas na nova situação; por outro, forneceram liames nunca dantes imaginados (isso soa mais a Camões que a Vico...) entre os objetos dos conhecimentos humanos.

Portanto, com maior razão, o princípio de Vico é válido para os meios de comunicação dos dias atuais. Neles trata-se de comunicar o conhecimento. Ou pelo menos essa é a pretensão e a proposta.

Passando agora ao outro campo mencionado, o da economia, ela surge mais como a nova metafísica, substituindo aquela dos filósofos. Sepultaria ela então inclusive o *De antiquissima* de Vico, que era um *Liber metaphysicus*? Sem embargo, mais adiante, e no andar da mesma carruagem, a economia como ciência vai perdendo esse sentido de ciência humana do capitalismo, quando deixa de ser economia *política* e se limita a definições (ditas “técnicas”) que bem pouco têm de ciências humanas. É esse um aspecto daquilo em que resultou esse mundo da comunicação: o conjunto de relações que constituem o objeto da economia passou a ser a forma quase oficial que assume o “mundo das nações”, articulações humanas cada vez mais reduzidas àquilo que for expressável na abstração do número.

Será então oportuno, nesse contexto lembrar qual o lugar da matemática em conjunção com o princípio “verum factum”. Sendo a matemática a mais genuína criação humana (um *factum*, portanto), ocorre repetidamente em Vico a necessidade de distinguir entre o conhecimento matemático e o uso da matemática no conhecimento da natureza. Esquemáticamente: a matemática é feita pelo homem, portanto para ele é verdadeira. A natureza não o é; portanto a aplicação da matemática a seu conhecimento está sujeita à condição de realizar o experimento – este sim feito pelo homem. Se quisermos caricaturar essa conclusão, diríamos que na ciência natural o homem não conhece a natureza, mas o experimento que ele faz nela. Paradoxalmente, ao adotar como objeto mensurável um produto do homem, a matemática se encontrou enfrentada a complicações no mínimo tão intrincadas quanto aquelas que enfrentava no estudo da natureza. Dai mais uma necessidade imposta ao desenvolvimento da nova metafísica, da economia.

Por outro lado, hoje a aplicação da ciência (criação evidentemente humana) à tecnologia tem em seu cerne – quase a jóia da coroa – os meios de comunicação, ou seja esse produto humano que liga entre si os homens, os comunica, ou pretende comunicá-los. Por outro lado, a “natureza” de que aqui se trata já não é mais aquela criada por deus em sua

origem: a “natureza” das coisas, objeto atualmente de estudo e manipulação humana, é uma “segunda natureza”, na qual – em sua produção – muito tem tido a ver e a fazer a própria intervenção do homem. Isso sobretudo quando se trata dos meios de comunicação. O homem conhece a natureza conhecendo os usos que dela ele mesmo faz.

Será então que a este ponto podemos dizer que temos uma hipótese comprovada? Pelo andar de nossa carruagem, mais que de comprovação trata-se de uma formulação preliminar, que pode ser a seguinte: *o verum factum* aplica-se às realizações humanas no complexo científico-tecnológico, nos meios de comunicação, complexo florecido nas mesmas transformações do mundo que criaram a economia que conhecemos, sua realidade e suas teorias. Como ambos, economia e meios de comunicação, são produtos humanos, aplica-se o princípio viquiano.

Amadurecimento e comprovações da hipótese só poderão ser objeto de indagações ulteriores.

#### **4 - E se quisermos concluir...**

Diante da complexidade do panorama entrevisto, talvez melhor alvitre que uma conclusão, seja o de aduzir várias, todas provisórias. Sua junção ou articulação recíproca poderão ser feitas em outra oportunidade. Por outro lado, poder-se-á aproveitar esse novo espaço para começar a expressar o que foi dito inclusive com alguma mudança nos termos. O que significa mudança de conteúdo. Oxalá seja também amadurecimento.

Primeiro: distinguir por um lado o conhecimento, pelo outro a comunicação do mesmo. Em ambos os casos o fundamento encontra-se naquilo que o homem faz.

Segundo: se o homem for “medida de todas as coisas” conforme outro ensinamento que Protágoras legou aos antigos, ele o será somente das coisas que ele mesmo faz. As outras (a natureza primeira) já estavam feitas e não por ele: daí que o homem não pode medi-las (o que contrasta com a afirmação de Protágoras): porque não é ele o autor delas. A não ser que entre com elas em contato pelo (e **no**) experimento. Atividade esta, aliás, que nunca dantes se desenvolveu tanto quanto nos séculos que vieram depois de Vico.

Emfim: Vico desloca o foco do estudo do conhecimento da natureza ao conhecimento das “nações”. Essa é a *Ciência nova* que ele propõe. Nem por isso a ciência simplifica-se: o homem, autor da “segunda natureza” tem dentro de si o conteúdo de sua realização. No entanto, ele mesmo é tão complexo e contraditório, que suas obras apresentam quadros em que a realidade a ser neles descoberta está longe de se constituir no óbvio a ser constatado. Daí inclusive as complexidades das últimas obras de Vico. Mas também a complexidade do

mundo moderno e a necessidade de ciências como a economia política para descobrir o que nele se esconde.

No desenvolvimento da tecnologia (das tecnologias) o rumo das inovações veio progressivamente a passar de uma concentração na produção de bens materiais corpóreos, para uma geração de nexos entre conhecimentos. O foco da finalidade almejada passou do produto satisfazendo as necessidades humanas, à realização da comunicação entre homens. Salvo realizá-la tão somente entre coisas, entre sinais.

Por outro lado, esse desenvolvimento e essa mutação vieram acompanhados pela formação, difusão e aplicação de muitas “novas ciências” (para adotar a expressão de Vico). Dentre elas, particular importância veio a adquirir uma especialização na análise das relações econômicas, a ciência econômica, ou simplesmente economia.

Com os resultados das mutações mais recentes, o conjunto das ciências foi e está sendo levado a se desenvolver progressivamente sempre mais no processo da comunicação. O processo em consideração estava organizado no e pelo trabalho de produção material; agora já o que o domina e define é o trabalho imaterial, intelectual. É o conhecimento da segunda natureza **feita pelo homem**, progressivamente concentrando-se nos meios de comunicação.

## EXCURSUS

*In cauda venenum:* o veneno está na cauda, diziam os velhos romanos. De acordo com mais esse clássico ditado dos antiquíssimos ítalos, deixemos para itens separados – cauda de nossas considerações – algumas simples observações, só para evitar que alguém conclua ser excessivamente otimista aquilo que foi exposto acima. Que o dito acima não pareça ser um hino de glória.

### 1 - Sobrecarga de informações

Antes de tudo, trata-se de lembrar o que é aquilo que se comunica quando os novos meios de comunicação ... comunicam. Foi dito acima que eles ligam e difundem conhecimentos. No entanto, deve-se notar que essa interface ocorre diretamente entre uma quantidade enorme de noções e sobre tudo notícias em sua formulação escrita, hoje devidamente substituída por sinais magnéticos, que são a nova escrita. Não necessariamente as pessoas supostamente envolvidas nesse processo estarão a par de todo o conteúdo desse material cognitivo que foi “comunicado”. Já desde a primeira grande invenção, portanto, que foi a escrita, a comunicação pode exagerar na dose e criar a ilusão de que os homens – que supostamente participaram daquelas operações – de fato conseguiram se comunicar.

Ledo engano. Seria como atribuir aos antigos habitantes de Alexandria o conhecimento de todo o conteúdo dos livros de sua celebre biblioteca. E qual será a consequência de aplicar esse mesmo critério aos usuários do google? **Disponer da “informação”** não significa ainda estar informado. Muito menos, entender, compreender. É tão somente um preliminar necessário mas não suficiente.

Com o tamanho do espaço magnético ocupado hoje pelos meios de comunicação mais variados, não há cérebro humano que possa dimensionar-se a si mesmo na medida do conjunto daquelas informações. Quanto menos, penetrar em seus significados.

## 2 - O meio de comunicação que evita comunicar

Temos ai um paradoxo. Foi criado e é administrado o maior espaço (sobretudo magnético, em suas versões recentes) para conter notícias, noções, cálculos, versões, enfim tudo o que pode ser comunicado. Não existem quase limites quantitativos ao conteúdo da comunicação. Portanto as principais razões, pelas quais os escritores e seus copistas usavam, aliás com moderação, abreviaturas e siglas, deixaram simplesmente de existir. Um motivo geral (naqueles tempos...) era a falta de espaço para fazer caber os produtos da elaboração mental dos escritores nas letras escritas. Escassez de papel, ou papiro, e de tinta. E o tempo enorme necessário para a escrita e a transcrição. Era portanto natural que se adotassem abreviaturas: que o diga Túlio Tiro, secretário, liberto e estenógrafo de Cícero.

Hoje todas essas razões foram simplesmente varridas para o passado. Siglas e abreviaturas tornaram-se dispensáveis na maioria dos casos perante a abundância e agilidade de manipulação do espaço magnético. No entanto, proliferam mais do que nunca. Nem se diga que se trata de fenômeno localizado: em nível internacional encontram-se os mais claros exemplos. Baste citar um jornal argentino a respeito da OMC:

“Para ser tomado en serio en Ginebra no se puede hablar de "bienes industriales": hay que decir NAMA ( *Non-Agricultural Market Access* /Acceso a mercados no agrícolas). Tampoco hay que confundir un LDC ( *least developed country* /país menos desarrollado) y un SVE ( *small and vulnerable economy* /economía pequeña y vulnerable). Y atención, porque si bien existen las MFN ( *most favoured nations* /naciones más favorecidas) esto no significa que tengan un estatus privilegiado: según las reglas de la OMC, todos los países miembros son estrictamente iguales.”

No caso, o jornalista (cf. *La Nación*, 8 de agosto de 2008) foi tão gentil que traduziu para os leitores o significado de cada sigla. No entanto, quase nunca isso ocorre nos escritos que delas se utilizam. Por exemplo, como se leria o texto citado sem as bemvindas e necessárias “traduções”? Vejamos.

Para ser tomado en serio en Ginebra no se puede hablar de "bienes industriales": hay que decir NAMA. Tampoco hay que confundir un LDC y un SVE. Y atención, porque si bien existen las MFN esto no significa que tengan un estatus privilegiado: según las reglas de la OMC, todos los países miembros son estrictamente iguales.

E no caso do computador, até em seu uso doméstico já se tornou clássico o recurso a tal quantidade de abreviaturas que a maioria dos leitores se sente simplesmente perdida. Exceto os aficionados, os “da casa”.

Quanto mais proliferam meios de comunicação, mais meios são adotados para evitá-la.

A este ponto se torna talvez oportuno acrescentar uma hipótese para explicar esse fenômeno tão em desacordo com a amplificação de possibilidades de que a comunicação hoje dispõe. Nem seria difícil formular alguma. Mas prefiro deixar essa tarefa aos leitores. Constituirá para eles um exercício de inteligência e compreensão superior aos avanços alcançados com a assim chamada “comunicação”, a terceira letra da TIC.

### **Bibliografia:**

Pode parecer estranho que as indicações a seguir se limitem quase completamente a textos do século XVIII ou a respeito do mesmo. No entanto, o núcleo central da argumentação, com a formulação da hipótese, encontra suporte num Autor daquela época, hoje talvez muito menos lido do que seria oportuno para entender o que está acontecendo.

HAZARD, Paul (1878-1944). *La crise de la conscience européenne, 1680 - 1715*. Paris, Le Livre de Poche, 1994. Version numérique par Pierre Palpant ([ppalpantuqac.ca](http://ppalpantuqac.ca)), 2005: [www.uqac.ca/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales](http://www.uqac.ca/Classiques_des_sciences_sociales) . Consultado em julho 2008.

SOHN-RETHEL, Alfred. *Geistige und körperliche Arbeit. Zur Epistemologie der abendländischen Geschichte* (Trabalho espiritual e corporal. Para a epistemologia da história ocidental). Revidierte und ergänzte Neuauflage. Weinheim, VCH Acta Humaniora, 1989. (Aguarda-se a publicação da tradução brasileira, há anos pronta, pela editora Hucitec).

VICO, Giambattista (1668-1744). *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda*. Liber primus metaphysicus. In: *Opere*, I. A cura di G.Gentile e F. Nicolini. Bari, Laterza, 1914, pp.129-192. Repr.: [www.bibliotecaitaliana.it/ScrittoriItalia/catalogo/index.xml](http://www.bibliotecaitaliana.it/ScrittoriItalia/catalogo/index.xml). Consultada em julho 2008.

VICO, Giambattista (1668-1744). *L'antique sagesse de l'Italie (De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda)*. Trad. Jules Michelet (1835). Présentation et notes par Bruno Pinchard. Paris, Flammarion, 1993. 181p.

VICO, Giambattista (1668-1744). *Opere*. A cura di Andrea Battistini. 3.ed. Milano, Mondadori, 2001. 2v. LXI,1955p. (consultadas: *Vita scritta da se medesimo*; *De nostri temporis studiorum ratione*; *Principi di una scienza nuova* (III ed., 1744; e I ed., 1725)).

VICO, Giambattista (1668-1744). “Polemiche relative al De antiquissima italarum sapientia”, *Giornale de' Letterati d'Italia*, 1711-1712. a cura di Alessandro Stile. Edizione Vico online, *Laboratorio dell'ISPF*, III, 2006,2: [www.ispf.cnr.it/ispf-lab](http://www.ispf.cnr.it/ispf-lab). Visitado em maio-julho 2008.

VICO, Giambattista (1668-1744). *Princípios de (uma) ciência nova (acerca da natureza comum das nações)*. Seleção, tradução e notas Prof. A. L. de Almeida Prado. São Paulo, Victor Civita, 1984. (Os Pensadores)